



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
BACHARELADO EM TURISMO E HOTELARIA

ANANAÍRA RIOS ASSIS

A FESTA DE SÃO JOÃO TRADICIONAL DA CULTURA NORDESTINA E
A FESTA DE SÃO JOÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR

SALVADOR

2010

ANANAÍRA RIOS ASSIS

A FESTA DE SÃO JOÃO TRADICIONAL DA CULTURA NORDESTINA E
A FESTA DE SÃO JOÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Turismo e Hotelaria, Departamento de Ciências Humanas da UNEB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo e Hotelaria.

Orientadora: Prof^a. Myriam Freire

SALVADOR

2010

ANANAÍRA RIOS ASSIS

A FESTA DE SÃO JOÃO TRADICIONAL DA CULTURA NORDESTINA E
A FESTA DE SÃO JOÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Turismo e Hotelaria, Departamento de Ciências Humanas da UNEB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Turismo e Hotelaria.

Orientadora: Prof^a. Myriam Freire

Aprovada em 13 de agosto de 2010

Prof^a. Myriam Freire de Mello Soares
Mestra em Administração Pública

Prof. Sebastião Heber Vieira Costa

Doutor em Antropologia da Religião (Teológica) pelo Pontifício Instituto Teresianum Roma Itália. Itália, 2000.

Prof^a. Ana Paula Carvalho Cruz Feitosa

Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Brasil, 2005

*Dedico este trabalho aos meus pais, minha
família, meu namorado, meus amigos e
meus colegas que fizeram parte de toda
minha trajetória acadêmica.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre presente em minha vida, e acalantar-me o espírito nos momentos de desespero.

Aos meus pais e parentes, por todo apoio e confiança em mim depositados.

Aos amigos, que sempre incentivaram meus sonhos, caminhando sempre ao meu lado.

Aos meus colegas de classe e demais formandos pela amizade e companheirismo que recebi.

A Prof.^a Myriam Freire, por acreditar em meu potencial e assumir a orientação do meu trabalho na reta final de conclusão.

A Prof.^a Ariadna Bandeira por todo incentivo prestado.

E aos demais professores que fizeram parte da construção do meu conhecimento.

*“A fogueira tá queimando
Em homenagem a São João
O forró já começou
Vamos gente, rapa pé neste salão”*

(Luiz Gonzaga & Zé Dantas)

RESUMO

A cultura, com toda sua riqueza e singularidade, é a principal assinatura de uma sociedade e, assim como ela, está em constante transformação. Entretanto, a manutenção dessa cultura tende a ser, por conseguinte, a manutenção da própria sociedade a qual pertence. O turismo na Bahia, por sua vez, assume o papel de difusor da cultura, transformando-a em um produto a ser vendido em larga escala sem, muitas vezes, preocupar-se com sua preservação. Com isso, este trabalho tem o objetivo de estudar a evolução da festa de São João realizada no Centro Histórico de Salvador, a fim de conhecer as principais transformações ocorridas com o passar do tempo, descobrir quais elementos podem causar descaracterização dessa festa e, ainda, entender qual o papel assumido pelo turismo, além dos seus principais impactos negativos e/ou positivos.

Palavras-chave: Cultura, Folclore e Indústria Cultural. Festa de São João. Centro Histórico de Salvador.

ABSTRACT

The culture, in all its richness and uniqueness, is the main signature of a society and, as it is, in constant transformation. However, maintaining this culture tends to be, therefore, the maintenance of the society to which it belongs. Tourism in Bahia, in turn, assumes the role of culture diffusion, transforming it into a product to be sold on a large scale without often worry about its preservation. Thus, this work aims to study the evolution of the St. John's Party held in the Historical Center of Salvador, in order to know the main changes throughout the years, find out which elements can cause adulteration of this party, and also understand what the role played by tourism, besides its main negative and/or positive impact.

Keywords: Culture, Folklore and Cultural Industry. St. John's Party. Historic Centre of Salvador

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACOPELÔ – Associação de Comerciantes do Pelourinho

DMT – Diretoria Municipal do Turismo

DTDP – Departamento de Turismo e Diversões Públicas

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LAR – Liga de Assistência e Recuperação

SCT – Secretaria de Cultura e Turismo

SESC – Serviço Social do Comércio

SUTURSA – Superintendência de Turismo da Cidade do Salvador

LISTA DE FIGURAS

FOTO 01 – Quadrilha na Praça Municipal

FOTO 02 – Arena do Circuito Anarriê

FOTO 03 – Palco Principal na Castro Alves

FOTO 04 – Coreto do Terreiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CULTURA, CULTURA POPULAR E INDÚSTRIA CULTURAL	14
2.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DO TERMO CULTURA	14
2.2 FOLCLORE, CULTURA POPULAR E INDÚSTRIA CULTURAL	16
3 A FESTA DE SÃO JOÃO DA CULTURA NORDESTINA	22
3.1 ORIGEM E HISTÓRIA DA FESTA DE SÃO JOÃO	22
3.2 AS COMEMORAÇÕES JUNINAS NO BRASIL	23
3.3 ACORDA JOÃO! AS SINGULARIDADES DA FESTA DE SÃO JOÃO	26
3.3.1 A origem das Quadrilhas	28
3.3.2 A culinária típica de São João	29
3.3.3 As brincadeiras juninas	30
3.3.4 As músicas juninas	30
4 TURISMO E CULTURA EM SALVADOR: UMA RELAÇÃO DE INTERDEPENDÊNCIA	33
4.1 EVOLUÇÃO DO TURISMO EM SALVADOR	33
4.2 A FESTA DE SÃO JOÃO EM SALVADOR	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	50

1 INTRODUÇÃO

A Bahia, além de ser o estado nordestino que possui a maior extensão litorânea, abrigando muitas enseadas, ilhas, belíssimos estuários, praias paradisíacas e de vastos coqueirais, que juntos fazem do estado um paraíso aos olhos de seus visitantes, chama a atenção, também, por suas manifestações culturais, fruto de uma cultura miscigenada construída a partir das influências dos povos indígena, africano e europeu.

A capital do estado é uma das cidades que mais investem nas conexões estabelecidas entre cultura e turismo, pois busca a diferenciação no mercado turístico através da singularidade e diversidade de sua produção artístico-cultural.

O São João da Bahia, como parte desta produção artístico-cultural, é uma festa típica de cidades do interior do estado, repleta de símbolos, crenças, costumes, comidas e bebidas típicas, com danças de ritmo envolvente como o forró, além de danças mais animadas como as quadrilhas. Esta festa cativa e atrai pessoas que se deslocam das grandes metrópoles rumo às pequenas cidades do interior para comemorar esta grande festa.

Sabe-se que grandes metrópoles, como Salvador, hoje têm um grande contingente populacional oriundo do êxodo rural, atraído por melhores perspectivas de vida, e que trazem consigo suas raízes e valores interioranos. Nesse sentido, a festa de São João, por ser agregadora de muitos valores como: fraternidade, hospitalidade, solidariedade, alegria, amor, nostalgia, funciona para essas pessoas não apenas como uma comemoração, mas um retorno a suas origens – o que reforça sua identidade cultural – levando as pessoas a se deslocarem para o interior para participar dessa comemoração com seus familiares.

A festa de São João, como uma representação da cultura popular e folclore de seu povo, com o tempo ganhou tamanha proporção que pouco se conservou do que era no passado. Trazidas pelos colonizadores portugueses na época do descobrimento do país, as festividades juninas podem ser consideradas, dentre as festas populares brasileiras, como as que mais persistem na memória de sua população, ainda que permaneça de modo mais forte entre os habitantes do Nordeste brasileiro.

Diferente dos tradicionais carnavais metropolitanos, que se concentram em algumas capitais brasileiras, as festas juninas mobilizam em díspares intensidades todos os municípios nordestinos. Caracterizando assim um dos mais importantes eventos festivos do interior, tanto por sua abrangência quanto por suas acepções e símbolos criados e

reinventados pelo povo. Contudo ao longo dos anos, a festa de São João, foi transformada em mercadoria de consumo para turistas e visitantes que viajam em busca de novas experiências.

Apesar de ser uma festa típica de cidades do interior, na capital do Estado um determinado número de pessoas permanece na cidade durante o período dos festejos juninos, seja por causa do trabalho ou algum outro motivo que os impediram de viajar. Essas pessoas, mesmo distante de suas origens, são inebriados pelo “espírito junino” e passam a enfeitar suas casas, ruas e bairros, com bandeirolas, fogueiras, balões, surgem paralelamente as quadrilhas de bairros dando origem a comemoração junina na capital. Com o passar do tempo, esse contingente de pessoas que permanecem na capital vem crescendo e acarretando em um aumento na demanda por espaços públicos que atendam a essas manifestações culturais. A partir dessa demanda, o poder público passa a buscar formas de suprir essas necessidades transformando as praças em festas de interior, enfeitadas com os símbolos que caracterizam os festejos juninos, ofertando barracas de bebidas e comidas típicas.

Por outro lado, a Cultura e o Turismo na Bahia possuem uma relação de interdependência, onde um se constitui em um fator de diferenciação no mercado turístico, e o outro é o meio de divulgação e promoção da cultura. Deste modo, este estudo se mostra de grande importância para entender como essa relação acontece na prática, uma vez que o Turismo constitui-se em uma das principais atividades econômicas na Bahia, utilizando-se de manifestações da cultura local como a festa de São João, para gerar renda e movimentar a economia regional.

Com o objetivo de movimentar a economia local, a festa de São João do Centro Histórico de Salvador, atualmente, apresenta-se em um formato de “espetacularização”, ou seja, dá-se mais atenção a grandes espetáculos com artistas renomados que para os elementos constituintes da festa tradicional. Este novo formato chamou a atenção para questões como: 1) Que elementos da festa do Centro Histórico são responsáveis por mantê-la ligada a festa tradicional de São João?; 2) Quais fatores implicam que a atual festa de São João do Centro Histórico seja descaracterizada, se comparada à festa Tradicional?; 3) Quais os benefícios a atual festa de São João do Centro Histórico oferece à comunidade e aos comerciantes locais?.

Assim, durante todo o estudo objetivou-se comparar a tradicional festa da cultura nordestina e a sua concepção no Centro Histórico de Salvador, a fim de elucidar as indagações acima apresentadas. Para tanto, de modo a auxiliar na interpretação do objetivo principal foram considerados como objetivos específicos: 1) Descrever a festa de São João tradicional da cultura nordestina; 2) Apresentar os elementos constitutivos das duas festas; 3) Identificar os pontos favoráveis e desfavoráveis da festa do Pelourinho como representação da

festa tradicional de São João; 4) Pesquisar a importância da festividade para a economia local e para as práticas turísticas.

Essa pesquisa é de natureza qualitativa, uma vez que se buscou entender o contexto real do evento, e sua evolução ao longo dos anos e tem um caráter comparativo. É uma discussão que tem como finalidade, esclarecer conceitos e idéias peculiares ao assunto. Segundo Gil (2002, p. 38), “esse tipo de pesquisa visa proporcionar visão geral, acerca de determinado fato”, ou seja, com a realização da mesma, poderemos verificar os pontos favoráveis e desfavoráveis da festa do Pelourinho, como também sua importância econômica e sua prática turística. As técnicas de pesquisa utilizadas para a realização do trabalho foram: observação participante e entrevista.

Desta forma, com o intuito de proporcionar melhor entendimento ao leitor, no capítulo dois deste estudo buscou-se esclarecer a relação existente entre folclore, cultura popular e indústria cultural. Para tanto, primeiramente foi feita uma abordagem dos conceitos de cultura e, posteriormente, partiu-se para conceitos sobre folclore, cultura popular e indústria cultural e a relação entre esses elementos.

O capítulo três deste estudo reveste-se de uma descrição da festa tradicional de São João, apresentando sua origem histórica – baseando-se também em relatos bíblicos, além de descrever as características e singularidades de cada elemento que compõe a tradicional festa de São João. No quarto capítulo, é apresentada a festa de São João no Centro Histórico de Salvador – objeto desse estudo –, fazendo-se primeiro uma abordagem acerca da relação de interdependência existente entre a cultura e o turismo na Bahia, seguido de uma ampla descrição da festa da capital ao longo dos anos. A utilização da descrição nestes dois capítulos justifica-se pelo fato de gerar maior amplitude sobre os elementos constituintes de cada festa, proporcionando ao leitor a percepção de certos elementos que mantêm as duas festas ligadas.

2 CULTURA, CULTURA POPULAR E INDÚSTRIA CULTURAL

A cultura é algo difícil de definir, uma vez que pode ser entendida de diversas maneiras e sob variados aspectos. Seu caráter interdisciplinar permite que esta seja estudada em áreas como antropologia, sociologia, história, economia, turismo e outras, sendo trabalhada sob distintos enfoques. Por isso, faz-se necessário esclarecer alguns conceitos e definições, além de traçar a origem e evolução da cultura, com o intuito de especificar a linha de estudo seguida neste trabalho; visando, também, estabelecer as linhas gerais que diferem cultura popular e a crescente indústria da cultura e a relação existente entre ambas.

2.1 ORIGEM E EVOLUÇÃO DO TERMO CULTURA

Proveniente do verbo latino *colore*, na origem cultura significa o cultivo, o cuidado. Entendida desta forma, cultura era concebida como uma ação que conduz à plena realização das particularidades de alguma coisa ou de alguém.

No século XVIII, com a filosofia da ilustração, a palavra cultura ganha um novo significado, e passa a ser definida como sinônimo de civilização. Com o Iluminismo, a cultura se transforma em padrão ou critério para medição do grau de civilização de uma sociedade, passando a ser encarada como um conjunto de práticas (artes, ciências, técnicas, filosofia) que permite uma avaliação do valor dos regimes políticos, conforme um critério de evolução. Desta maneira a cultura gradativamente torna-se sinônimo de progresso (CHAUI, 2009).

Nesta mesma linha de raciocínio, Tylor (1871 apud LARAIA, 1999, p. 25) postula que “tomado em seu amplo sentido etnográfico [cultura] é esse todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

No século XIX, no início da formação da antropologia, os antropólogos conservariam o conceito iluminista de evolução, estabelecendo um padrão para medir a evolução ou o grau de progresso de uma cultura baseado no modelo da Europa capitalista. Por conseguinte, as sociedades passaram a ser avaliadas de acordo com a presença ou não de

alguns elementos próprios do Ocidente capitalista, sendo que a ausência dos mesmos era considerada sinal de falta de cultura ou de uma cultura pouco evoluída¹.

Contrário a teoria evolucionista da cultura, Boas (1896 apud LARAIA, 1999, p. 36-37) afirma que “são as investigações históricas o que convém para descobrir a origem deste ou daquele traço cultural e para interpretar a maneira pela qual toma lugar num dado conjunto sociocultural”. Ou seja, são os eventos históricos que determinam a formação da cultura de um povo, o chamado particularismo histórico.

A partir daí na segunda metade do século XX a concepção de cultura tem seu sentido alargado, passando a ser entendida como:

[...] produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, dos modos da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. (CHAUÍ, 2009, p. 24).

Assim, a cultura compreende o campo em que os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e valores, define a direção da linha do tempo, as divergências no interior do espaço, os valores que instauram a idéia de lei, determinando deste modo o sentido da vida e da morte, bem como das relações entre o sagrado e o profano. Contudo apesar de abrangente essa noção de cultura não inclui as comunidades, que são marcadas pela ausência de divisão interna e a idéia de bem comum, onde seus membros possuem um sentimento de unidade de destino, ou de um destino comum. Enquanto que a sociedade é entendida como um sinônimo de isolamento, fragmentação e é marcada pela divisão interna de classes (CHAUÍ, 2009).

Para Laraia (1999), o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado, fruto de um longo processo acumulativo composto pelo conhecimento e pela experiência adquirida através das gerações que o antecederam. A utilização adequada e criativa destes conhecimentos permite inovações e novas invenções, que não são produto da ação isolada de um indivíduo, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade.

Assim, adota-se para este estudo, a vertente de que a cultura é composta pelo conjunto de atividades e modos de agir, pelos costumes e instruções de um povo, por fenômenos materiais e ideológicos que caracterizam um grupo étnico ou uma nação. Esta se

¹ Para maiores informações acerca deste assunto ler Cultura um conceito antropológico (1999) de Roque de Barros Laraia ou Cultura e democracia (2009) de Marilena Chauí .

apresenta de maneira distinta nas diversas sociedades é o meio pelo qual o homem se adapta às condições de existência transformando a realidade.

2.2 FOLCLORE, CULTURA POPULAR E INDÚSTRIA CULTURAL

Do mesmo modo que o conceito de cultura, o entendimento de folclore sofreu modificações ao longo dos anos. Hoje considerado por estudiosos uma disciplina da antropologia cultural, o folclore deriva de dois vocábulos: *folk* que significa povo e *lore* que significa saber.

Um dos grandes nomes nos estudos folclóricos é o autor Luís da Câmara Cascudo, para ele todos os povos possuem dois tipos de conhecimento – um deles é o folclore e o outro é a cultura letrada – que se complementam e juntos representam a cultura:

Nascemos e vivemos mergulhados na cultura da nossa família. Dos amigos, das relações mais contínuas e íntimas, do nosso mundo afetoso. O outro lado da cultura (cultura, fórmula aquisitiva de técnicas, e não sinônimo de civilização) é a escola, a universidade, bibliotecas, especializações, o currículo profissional, contatos com os grupos e entidades eruditas e que determinam vocabulário e exercício mental diversos do vivido habitualmente. Vivem, numa coexistência harmônica e permanente, as duas forças de nossa vida mental. Non adversa, sed diversa. Potências de incalculável projeção em nós mesmos, o folclore e a cultura letrada, oficial, indispensável, espécie de língua geral para o intercâmbio natural dos níveis da necessidade social (CASCUDO, 1967 p.18).

Com posicionamento semelhante ao de Cascudo, Bosi (2000, p.65) afirma que “o folclore consiste em uma ‘educação informal’ que se dá ao lado da sistemática; uma educação que orienta e revigora comportamentos, faz participar de crenças e valores, perpetua um universo simbólico.” De acordo com os estudos de Cascudo, a cultura popular é sinônimo de fato folclórico, sendo a literatura oral a sua expressão, abrangendo além da cultura espiritual, a cultura material. Para o autor:

“A cultura popular tornada normativa pela tradição, compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa amplidão emocional, além do ângulo do funcionamento racional. [...] O folclore inclui nos objetos e fórmulas populares uma quarta dimensão, sensível ao seu ambiente. Não apenas conserva, defende e mantém os padrões imperturbáveis e ação, mas remodela, refaz abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indissociáveis a determinadas seqüências ou presença grupal” (apud MELLO, 2002, p.471-472).

Em 1951, durante o 1º Congresso Brasileiro de Folclore, foi instituído que o fato folclórico, além de abranger o fato espiritual, é constituído também pelas formas de pensar, sentir e agir de um povo, preservados pela tradição e por sua reprodução, sem influência direta do oficial ou do erudito (MELLO, 2002).

Ainda de acordo com Cascudo (1967, p.10), o folclore não será extinto com a sociedade moderna, pois, para ele:

[...] Inútil será pensar que o desenvolvimento industrial anulará o folclore. Fará nascer outro. Essencial é deduzir que o folclore é uma cultura mantida pela mentalidade do homem e não pelo material manejado. O material é que será modelado, elevando-se a um motivo criador. Para que desapareça é preciso que sucumba a própria função. Sempre foi assim, na história do mundo.

O autor enfatiza, em seu estudo, a continuidade de tradições no tempo e no espaço e afirma que:

O folclore sendo uma cultura do povo é uma cultura viva, útil, diária, natural. O folclore é o uso, o emprego imediato, o comum embora antiquíssimo. As raízes imóveis no passado podem ser evocadas como indagações da antiguidade. Como o povo tem senso utilitário em nível muito alto, as coisas que vão sendo substituídas por outras mais eficientes e cômodas passam a circular mais lentamente, sem que de todo morram. (CASCUDO, 1967, p.12)

Ao distinguir folclore de cultura popular, Cascudo (1967, p.13) afirma que “o folclore é o popular, mas nem todo popular é folclore”, e que para um fato ser considerado folclórico é necessário que contenha as seguintes características: a) a antiguidade – o caráter de antiguidade que deve envolver o fato folclórico permite a sua distinção se comparado a algo somente popular; b) a persistência – algo que aconteceu no passado que era considerado popular, mas que com o tempo foi esquecido, já não é folclore; c) o anonimato – essa característica decorre do processo seletivo da memória popular, ou seja, interessa mais ao povo guardar a obra e não o autor; e por fim, d) a oralidade – esta é a técnica empregada para a divulgação do folclore, aquela que é transmitida de pessoa a pessoa por via oral. Com relação a este último aspecto do fato histórico, Mello (2002, p.475) afirma que “talvez fosse mais correto dizer que esta comunicação se dá por via pessoal, isto é, incluindo aí não só a palavra, mas também o gesto, a ação, o odor, o paladar e o tato.” Ou seja, hoje os meios de comunicação permitem uma difusão oral, embora apresentando-se de maneira diferente da comunicação pessoal e direta.

Deste modo, o folclore pode ser caracterizado como uma manifestação tradicional que nasce do povo e, incorporada ao saber popular, torna-se essencial a sua realidade; ou

ainda, como um conhecimento amplo e social de um grupo; uma manifestação durável e espontânea, nascida da livre aspiração de um povo em se expressar. Logo, folclore é uma manifestação cultural que remete a criação e interpretação dos costumes das civilizações através dos tempos (HORTA, 2004).

Para a autora Marilena Chauí (2009), ao afirmar que perante uma sociedade dividida em classes, como a brasileira, é instituído uma “divisão cultural” em que, de um lado fica o que se convencionou chamar de cultura formal, pertencente à elite dominante; e de outro se encontra a cultura popular, proveniente das classes populares.

Durante o século XVIII, época do Movimento Iluminista Francês, a cultura popular era considerada como resíduo de tradição, uma mistura de superstição e ignorância que deveria ser corrigido pela educação do povo, através de ações do Estado. No século XIX, com o Romantismo, a cultura popular passa a ser vista como a cultura do povo bom, verdadeiro e justo, aquela que exprime a alma da nação e o espírito do povo. Com o início do século XX, há uma miscigenação da visão Iluminista com a visão Romântica: preserva-se a idéia de que a cultura é boa e verdadeira, contudo, por ser feita pelo povo, tende a ser tradicional e atrasada em relação ao seu tempo, precisando de uma ação pedagógica realizada pelo Estado para atualizar-se. Com essas transformações é possível perceber, então, que a cultura popular adequou-se às opções políticas de cada época, ou seja, durante o romantismo buscou-se a universalização do termo por meio do nacionalismo, e a cultura popular foi encarada como cultura nacional; com o movimento iluminista, a cultura popular tende a desaparecer através da utilização da educação formal instaurada pelo Estado; enquanto no século XX, a cultura popular passa a ser vista como revolucionária, para uns, ou como base para o Estado, para outros (CHAUÍ, 2009).

Retomando-se a discussão acerca da divisão da cultura, é possível dizer, de acordo com Chauí (2009), que cultura dominante, ou de elite, é aquela na qual se apóia o exercício da exploração econômica, da dominação política e da exclusão social, ou seja, pertencente à classe detentora de poder financeiro; enquanto a cultura popular é criada pelas classes populares, especialmente a classe trabalhadora e, por ser proveniente do povo, tende a ser ocultada/mascarada pela chamada elite social, que tende a transformar essa cultura em produtos rentáveis, dando origem ao termo “cultura de massas”, também entendido como “indústria cultural”.

A relação existente entre a cultura popular e a indústria cultural é explicada, por Ecléa Bosi, através de uma distinção de realidades culturais. Enquanto a indústria cultural se constitui em uma realidade imposta pelos produtores destinada aos consumidores, a cultura

popular é “estruturada a partir de relações internas no coração da sociedade” (BOSI, 2000 p. 63).

Para Gramsci (apud BOSI, 2000, p.63), a cultura popular é formulada a partir de estruturas ideológicas da sociedade, pois “[...] ao lado da chamada cultura erudita, transmitida na escola e sancionada pelas instituições, existe a cultura criada pelo povo, que articula uma concepção de mundo e de vida em contraposição aos esquemas oficiais.”.

Assim, é possível entender que a cultura popular, a princípio, correspondia a toda cultura espontânea cultivada pelo povo englobando a tradição oral, livre, profana, extravagante e coletiva. Atualmente, a cultura popular, segundo Mello (2002, p. 477) “compreende não apenas a tradição oral e a literatura oral, mas também a denominada cultura de massa, decorrente da propagação de mensagens veiculadas pelos meios de comunicação modernos”.

A cultura quando impregnada pela lógica do mercado, da escassez e da necessidade construídas pelo sistema capitalista constitui-se por processos específicos dos espaços de produção de mercadorias, congregados para a produção e criação de bens culturais, dando origem à cultura de massa ou indústria cultural que, por sua vez, deriva da moderna rede de comunicação eletrônica, que atinge ao mesmo tempo milhões de pessoas por todo o mundo, através da utilização de aparelhos receptores de sinais de rádio e TV. Deste modo, a sociedade de massas necessita de diversão, e o conteúdo dos bens culturais é adaptado pelo mercado a estas necessidades, facilitando assim o consumo destes bens às várias camadas (FONSECA, 2008).

Ao explicar o processo de construção da indústria cultural, Marilena Chauí (2009, p. 29-32) apresenta aspectos pelos quais a cultura passa quando saturada pela dialética do mercado capitalista: primeiramente os bens culturais são separados por seu suposto valor no mercado, existem obras caras e raras destinadas à elite que pode pagar por elas, e obras comuns e mais baratas destinadas por sua vez à massa; em segundo lugar, em contraponto ao primeiro aspecto, a indústria cultural cria a ilusão de que todos têm acesso aos mesmos bens culturais, contudo é perceptível que os meios de comunicação e divulgação cultural escolhem o que cada classe ou grupo social deve ouvir, ver ou ler, com características simples como tipo de papel, tipo de manchete, entre outros; por fim a cultura definida como lazer ou entretenimento, seja para que a força de trabalho aumente sua produtividade por conta do descanso, perpetuando o controle social por meio da alienação, seja porque o lazer e a diversão são inerentes ao desenvolvimento humano. Ao funcionar desta forma a indústria cultural se contrapõe aos traços da cultura.

De acordo com Chauí (2009), a cultura sob a perspectiva da criação e da expressão das obras de pensamento e das obras de arte, possui três traços principais que a distanciam do entretenimento: primeiramente é trabalho, ou seja, quando as obras de arte e de pensamento capturam a experiência do mundo dado para interpretá-la e transformá-la – é a experimentação do novo; em segundo lugar, é a ação para dar a pensar, dar a ver, a imaginar e a sentir o que se esconde sob as experiências vividas ou cotidianas, transformando-as em obras que as modificam porque se tornam conhecidas (nas obras de pensamento), densas, novas e profundas (nas obras de arte); em terceiro, numa sociedade de classes, de exploração, dominação e exclusão social, a cultura é um direito do cidadão. Assim, ao serem absorvidas pela cultura de massa, as obras do pensamento e da arte tendem a se tornarem reprodutivas e repetitivas, a se constituírem em eventos para o consumo, a se transmutarem de formas de conhecimento que desvendam a realidade para ilusão, o que, para Chauí (2009, p. 33), significa que a chamada “cultura de massa apropria-se das obras culturais para consumi-las”.

Segundo Mello (2002, p.478), “a cultura de massa, direta ou indiretamente, sempre manipula a cultura popular afetando até a cultura folclórica”. Cabe ressaltar que, para o autor, a cultura folclórica é identificada com a cultura popular do meio rural, isolada, tradicional, oral e espontânea e que quando traduzido por intelectuais em livros ou outras formas artísticas perde as características do fato folclórico.

No Brasil existe uma preocupação em manter as tradições populares, o que faz com que o folclore seja muito utilizado nas escolas, nas universidades e nos meios de comunicação de massa. Contudo, para Mello (2002), neste caso não se trata de uma produção folclórica, mas sim de uma reprodução dos motivos folclóricos, o que ele chamou de “folclore estilizado”. Este folclore ensinado na escola, que foi traduzido por intelectuais em livros ou em outras formas artísticas, apesar de conservar seu encanto, perde as características do fato folclórico.

A cultura folclórica pode ser encontrada, ainda, entre as populações rurais que tendem a preservar grande parte de suas características. Isso não significa que o meio urbano não possa ter aspectos da cultura folclórica, até porque, mesmo na paisagem urbana, o folclore continua tendo afinidade com a cultura rural, principalmente pelo fato de, ao se manter isolada ao longo dos anos, a cultura teve possibilidade de construir valores e características do folclore nacional, permanecendo na mentalidade do povo.

É importante salientar, também, que as manifestações folclóricas brasileiras, em sua grande maioria, são manifestações de um povo mestiço que sofreu influência de diversas raças, e que passou por diversas mudanças ao longo dos anos. Na diferentes regiões do país,

as manifestações folclóricas ganharam um caráter singular caracterizadas por elementos de caráter artístico próprios de cada região.

Dentro desse contexto de manifestações culturais é que estão inseridas festas populares como o São João da Bahia. Assim sendo, visando melhor caracterizá-la, serão abordadas a seguir algumas de suas particularidades.

3 A FESTA DE SÃO JOÃO DA CULTURA NORDESTINA

O calendário de festas católicas é marcado por diversas comemorações em homenagem aos santos. Na tradição brasileira, as maiores festas são o Natal, onde é comemorado o nascimento de Jesus Cristo; a Páscoa, onde se recorda a Paixão de Cristo; *Corpus Christi*, festa ao corpo de Cristo sacramentado na Eucaristia e; o São João, homenagem ao nascimento do primo de Jesus, João Batista.

As comemorações religiosas foram adaptadas de tamanha maneira pelo povo brasileiro que o Carnaval – celebração que marca o início da quaresma² – foi transformado, por exemplo, em uma das maiores comemorações festivas do Brasil no decorrer do século XX (RANGEL, 2008).

Do mesmo modo, as celebrações de São João pertencem a um ciclo festivo que passou a ser conhecido como festas juninas e homenageia, além desse, outros santos venerados em junho – Santo Antônio (dia 13) e São Pedro e São Paulo (dia 29).

3.1 ORIGEM E HISTÓRIA DA FESTA DE SÃO JOÃO

A origem das festas juninas, segundo Rangel (2008), remonta a um tempo longínquo, anterior a época cristã. Estudiosos atribuem as origens das festividades juninas ao solstício de verão europeu (inverno na América do Sul), época em que diversos povos (celtas, bretões, bascos, sardenhos, egípcios, persas, sírios, sumérios) faziam rituais de fertilidade para estimular o crescimento da vegetação, promover fartura nas colheitas e trazer chuvas.

Ao observar o ciclo anual da natureza – responsável por fazer com que as plantas, todos os anos passem por um processo de modificação: no outono, as folhas mudam de cor, ficando amareladas e murchas; no inverno, elas caem e deixam a planta sem folhas até a chegada da primavera; quando o sol começa a brilhar com mais intensidade, essa vegetação renasce, brotando e florescendo novamente, oferecendo as sementes do novo ciclo – o homem descobriu que havia sementes que podiam ser guardadas a cada colheita para ser plantadas no próximo ano. Com a incidência do sol e irrigadas pelas chuvas as sementes dos grãos germinam e crescem, após isso os homens colhem, debulham, secam e trituram os grãos para

² Período que vai da quarta-feira de Cinzas ao domingo de Páscoa.

seu alimento. Assim surgem os rituais de invocação da fertilidade para ajudar o crescimento das plantas e proporcionar uma boa colheita (RANGEL, 2008).

Ritos de fertilidade associados ao cultivo de plantas sempre foram praticados pelas diversas sociedades e culturas como, por exemplo, no Mediterrâneo Oriental, onde eram celebrados a fim de regular as estações do ano. Nestes rituais as populações do campo festejavam a proximidade das colheitas e, para afastar os demônios da esterilidade, pestes dos cereais e estiagens, faziam sacrifícios acendendo fogueiras³. Esses rituais de fertilidade, ainda segundo o autor, perduraram ao longo dos anos e, durante a era cristã, ainda que considerados pagãos, não havia mais como acabar com eles. Devido a isso, a Igreja Católica, ao invés de condená-los, os adaptou às comemorações do dia de São João, que teria nascido em 24 de junho, dia do início do solstício.

Para Rangel (2008), todo processo que ocorre com a natureza, citado anteriormente, assemelha-se a história dos deuses babilônicos Tamuz e Adônis que, segundo a lenda, submergem do mundo subterrâneo e retornam todos os anos para viver com suas amadas Istar e Afrodite e com elas fertilizar a vida. Outros aspectos que aproximam a festa de São João às de Adônis e Tamuz, são os costumes de tomar banhos de mar, rios, nascentes ou no sereno na noite da véspera (dia 23 de junho), além de acender fogueiras e tochas, que segundo a crença livram as plantas e as colheitas dos espíritos maus que podem impedir a fertilidade.

3.2 AS COMEMORAÇÕES JUNINAS NO BRASIL

Nos diversos povos da Europa, os festejos do solstício de verão foram moldados à cultura local, sendo que, em Portugal, foi incluída a festa de Santo Antônio de Pádua (13 de junho) e, posteriormente, o ciclo junino foi completado com a inclusão das festas para São Pedro e São Paulo, que acontece no dia 29 de junho.

Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, as festas de São João eram, ainda, o centro das comemorações do mês de junho e, por isso, conta-se que os jesuítas acendiam fogueiras e tochas, gerando grande atração sobre os indígenas. Ainda que no Brasil, de acordo com Rangel (2008), essa época marcasse o início do inverno, coincidia com o

³ Em Portugal existem diversas superstições referentes às plantas, às raízes, às sementes que são associadas à festa de São João. Exemplo destas credices são as simpatias das festas juninas que sempre estão relacionadas a elementos da natureza.

período de realização dos rituais mais importantes para os povos que aqui viviam, alusivos à preparação dos novos plantios e às colheitas.

No Brasil, o período que compreende os meses de junho a setembro equivale à época de seca em muitas regiões, caracterizada pelos baixos níveis dos rios, quando se costuma utilizar a técnica da coivara – quando se derruba a mata e queimam-se às margens para limpar o terreno, que é adubado com as cinzas, tornando o solo favorável ao plantio. Nesta ocasião a plantação do ano anterior está pronta para colheita, e os alimentos prontos para consumo. O ato de atear fogo para limpeza do mato, além de fertilizar o solo, segundo a crença, serve para afastar os espíritos malignos ao mesmo tempo em que as comunidades indígenas, em agradecimento, aproveitam para reforçar laços de parentesco, reverenciar as divindades aliadas e pedir para que os espíritos maus não impeçam a fertilidade do novo plantio, com celebrações repletas de danças, cantos, rezas e muita fartura de comida (RANGEL, 2008 p. 22).

Outro fator que pode explicar a importância dos festejos juninos é a forma como a sociedade brasileira foi construída. Primeiramente marcada por aspectos da cultura portuguesa da época das grandes navegações, a nascente cultura brasileira recebeu a influência das culturas africana, européia e asiática – principalmente após a intensiva imigração pela qual o país passou, a fim de suprir as necessidades de mão-de-obra e tecnologias agro-pecuárias, comerciais e pré-industriais essenciais para o seu desenvolvimento.

Desde o período colonial até o início do século XX, a maioria da população brasileira vivia na zona rural (até 1950 cerca de 70% da população vivia no campo) integrada, por todo o país, em grupos familiares constituídos por pais e filhos, tios e primos, avós e sogros; e essas relações familiares eram complementadas pela criação do compadrio, aproximando, assim, outras pessoas à família (RANGEL, 2008). Existiam duas formas de se tornar compadre e comadre, padrinho e madrinha: uma que persiste até hoje, que é pelo batismo, e a outra que era por meio da fogueira – no dia de São João, os homens costumavam formar duplas de compadres de fogueira, onde ficava um de cada lado da fogueira e deveriam pular as brasas dando-se as mãos em sentido cruzado, e recitando versos. As relações de compadrio demonstram o teor político da festa, nas quais ambos os lados eram favorecidos, já que os padrinhos podiam substituir os pais na ausência ou morte, os compadres integravam grupos de cooperação no trabalho agrícola e os afilhados eram devedores de obrigações aos padrinhos. Deste modo, a relação beneficiava os patrões, que possuíam diversos compadres e afilhados leais, tanto nas relações de trabalho como nas campanhas políticas, por meio do voto de cabresto. Em algumas localidades esta prática ainda vigora, embora esta relação tenha

sido enfraquecida e, atualmente, os favores (doações, promessas, pagamentos) tornaram-se mais importantes do que a lealdade dos compadres.

As festas juninas, com maior ou menor proporção, a depender da região, ainda são realizadas em todo o Brasil, com fogos de artifício, fogueira, muita comida, bebida e danças típicas, representando uma das manifestações culturais mais expressivas do país. Entretanto, Na região Sul e Sudeste do país esta festa não é muito expressiva, caracterizando-se por festas realizadas em terreiros rurais, contando com elementos típicos dos três santos homenageados em junho. De acordo com Moura (2001), no Centro-Oeste, em Corumbá (Mato Grosso), acontece nos dias 23 e 24 de junho um dos mais belos desfiles juninos, com vestimentas e alegorias que despertam atenção, além de levar as imagens de São João e de Jesus Cristo até o rio Paraguai para o “batismo” de imersão. Em Goiás, as festas juninas ocorrem onde há padroeiros com os nomes dos santos de junho. Já no Norte do Brasil, a festa centraliza-se nas cidades de Belém, Parintins e Manaus. Com a introdução da criação do gado pelos portugueses no país, durante o período colonial, surge a cultura do boi-bumbá, que é dançado em várias ocasiões e transformou-se em um grande espetáculo; sendo que, em Parintins acontece uma das maiores manifestações culturais da região que é a disputa entre os grupos do Boi Caprichoso e Boi Garantido no Bumbódromo.

No Nordeste brasileiro, o São João é comemorado nos sítios, nas paróquias, nos arraiais, nas casas e nas cidades. Grande número de nordestinos e turistas escolhe esta época do ano para sair de férias e participar dos festejos juninos, demonstrando a importância desta festividade. As cidades de Caruaru, em Pernambuco, e Campina Grande, na Paraíba, destacam-se entre as cidades que mais atraem visitantes interessados em conhecer a festa de São João.

Segundo descrição de Rangel (2008), uma cidade cenográfica foi criada em Caruaru por conta dos festejos juninos. A chamada Vila do Forró é uma réplica de cidade típica do sertão, com casas coloridas, correio, posto bancário, delegacia, igreja e restaurantes, onde atores encenam nas ruas personagens como a rainha do milho, retratando o cotidiano dos habitantes da região. No dia 23 de junho acontece o desfile junino, com mais de vinte carros alegóricos, carroças ornamentadas com cortejo de bacamarteiros, bandas de pífaro, quadrilhas, casamentos matutos e grupos folclóricos. Por outro lado, na cidade de Campina Grande foi construído um Forródomo, onde milhares de visitantes assistem a apresentações do tradicional forró pé-de-serra, de quadrilhas, cantores, bandas, desfiles de jegues, além de participarem de jogos e brincadeiras.

Como este estudo aborda, especificamente, a festa de São João em Salvador (BA),

foi feita uma maior abordagem acerca das comemorações que ocorrem no nordeste brasileiro.

3.3 ACORDA JOÃO! AS SINGULARIDADES DA FESTA DE SÃO JOÃO

De acordo com relatos bíblicos, Isabel, mãe de João Batista, não podia ter filhos por ser estéril e já estar em idade avançada. Então, semelhante à história de Jesus, o nascimento de João Batista foi anunciado a sua mãe por um anjo, que lhe disse ser a vontade de Deus. Tão extraordinário pareceu o aviso, que Zacarias, sacerdote em Jerusalém e pai de João Batista, não acreditou, especialmente dada a idade de sua esposa – fato que lhe rendeu o castigo de ficar mudo em razão da sua descrença (OLIVEIRA, 2005).

Assim, Isabel engravidou e disse à sua prima Maria, futura mãe de Jesus Cristo, que comunicaria o nascimento do seu filho acendendo uma grande fogueira. Desde então, em toda festa de São João é costume acender-se uma fogueira na porta das casas, relembrando a fogueira que Santa Isabel acendeu para avisar Nossa Senhora do nascimento de seu filho. Conta-se, ainda, que no dia do nascimento do filho, perguntaram a Zacarias como se chamaria a criança e ele, com grande esforço, respondeu “João”, recuperando então sua voz. A alegria foi tamanha que todos fizeram muito barulho, com vivas pra todos os lados, dando origem ao costume de se soltar fogos de artifício nos festejos juninos.

O profeta João Batista nasceu na tribo de Judá, viveu no deserto na prática de oração e jejum, sendo conhecido como o cordeiro de Deus. Ele instituiu, através da prática de purificação, com imersão em água, o batismo, tendo batizado o próprio Cristo nas águas do rio Jordão. Entretanto, por ser um homem de oratória rígida e severa, do ponto de vista da leitura dos princípios morais do seu tempo, acabou por censurar o tetrarca Herodes Antipa quando este traiu seu irmão ao casar-se com sua cunhada Herodíades considerando pecaminosa essa união. Esse fato fez com que João Batista fosse enclausurado e mais tarde, degolado – por ordem de Herodes, a pedido de sua enteada Salomé (CASTRO, 2008; RANGEL, 2008).

Durante a comemoração em homenagem ao santo junino, enfeitam-se casas e ruas com bandeirolas coloridas para a grande festa da espera de São João. Familiares, amigos, compadres e comadres, padrinhos e afilhados reúnem-se, a esta ocasião, em torno da fogueira, para assar alimentos ou se aquecer do frio e os balões, segundo os devotos, levam pedidos ao santo. Quando a fogueira começa a queimar, o mastro que recebeu a bandeira do santo homenageado, já se encontra preparado e é, então, levantado enquanto se fazem preces,

pedidos e simpatias. Após o soerguimento do mastro, inicia-se a queima de fogos. Apesar dessa celebração, segundo a tradição, São João adormece no seu dia, pois se estivesse acordado vendo as fogueiras que são acesas para homenageá-lo não resistiria e desceria à Terra, colocando-a em risco de incendiar-se.

Abaixo, com base no texto intitulado “Jardim de Adônis”, de Câmara Cascudo (1985), estão destacadas algumas das simpatias da noite de São João:

- 1) Três dias antes do São João plantam-se cabeças de alho num vaso, com terra bem adubada e úmida. Na manhã do dia de São João, a quantidade de cabeças que tenham brotado equivale ao número de anos que a pessoa esperará para casar.
- 2) Semeia-se cevado, coentro, arroz em latinhas especiais, abundantemente regadas e cuidadas. Verifica-se o surgimento de alguma plantinha à superfície ou se os grãos do milho se abriram. Em caso afirmativo, significa fertilidade; em caso negativo, esterilidade.
- 3) Se o número de espigas de milho colhidos na manhã de São João for par é sinal de casamento, se for ímpar não haverá casamento.

A cerimônia do batismo simbólico de São João Batista também faz parte da tradição da festa, ainda que tenha sido deixada de ser realizada em algumas localidades. De acordo com Rangel (2008, p. 34), esse rito acontece com os fiéis se dirigindo ao rio cantando: “Vamos, Vamos, toca a marchar, n’água de São João vamos nos lavar. N’água de São João me lavei, toda mazela que tinha deixei”. Mas, A cerimônia de banho diverge de uma região pra outra, sendo que em alguns locais não são as pessoas que se banham e sim a imagem do santo, e em outros se tem o banho-de-cheiro.

Outro costume na festa de São João é a realização do casamento matuto ou casamento caipira – que aborda de maneira engraçada a instituição do casamento e as relações sexuais antes do casamento – onde a noiva fica grávida antes do casamento, seus pais obrigam o noivo a se casar com ela, e o moço, ao tentar fugir, faz com que o pai da noiva peça a interferência do delegado. Depois, ao som da sanfona, do triangulo e da zabumba, comemora-se o casamento com a dança da quadrilha.

3.3.1 A origem das Quadrilhas

Dança típica das festas juninas, a quadrilha é considerada uma herança do folclore francês acrescida de manifestações típicas da cultura portuguesa. Surgida em Paris no século XVIII, proveniente da *contredanse française*, a quadrilha foi inserida no Brasil durante a Regência, e fez sucesso nos salões brasileiros do século XIX, principalmente no Rio de Janeiro, então sede da Corte. Com o tempo, a dança popularizou-se e caiu no gosto do povo, que adaptou suas evoluções básicas, introduzindo outras e alterando, inclusive, a música (RANGEL, 2008).

Com a fuga de D. João VI, para o Brasil, das tropas de Napoleão Bonaparte, além de artistas franceses, como Debret e Rugendas, vieram também os costumes da vida européia, dos quais se destacava a quadrilha, dirigida por mestres franceses de orquestras da *contredanse*. O marcador, ou “marcante”, da quadrilha desempenha papel fundamental, pois é ele que dá a voz de comando em francês, não muito correto, misturado com o português e dirige as evoluções da dança. Ao serem adotadas por compositores nacionais, as quadrilhas sofreram modificação e ganharam uma pronúncia brasileira dos comandos da dança, ou seja, *en arrière* (“para trás”) passou a ser chamado de “anarriê”, *en avant* (“em frente”) transformou-se em “anavã”, *changer de dame* (“trocar de dama”) para os brasileiros “changedidame”, *chemin de dame* (“caminho de damas”) mudou para “chemandidame”, ou *autre fois* (“outra vez”) para “otrefuá” (AMARAL, 1998).

Desta forma, a quadrilha disseminou-se por todo o Brasil e a partir dela apareceram muitas variações no interior do país como, por exemplo, na cidade de Belém, no Pará, há a mistura da quadrilha com outras danças regionais como o carimbó, o xote, o siriá e o lundum, sempre com os trajes típicos.

No que diz respeito as vestimentas, no final do século XIX, as damas que dançavam a quadrilha usavam vestidos até os pés, sem muita roda, com gola alta, cintura marcada, mangas e botinas de salto; enquanto os cavalheiros vestiam paletós até o joelho, com três botões, colete, calças estreitas, camisa de colarinho duro, gravata de laço e botinas (AMARAL, 1998). Atualmente, na tradição rural brasileira, o vestuário típico das festas juninas não difere muito de outras festas, e as pessoas costumam usar suas melhores roupas. Nas grandes cidades, é comum se pensar que o vestuário caipira ou sertanejo seja marcado por roupas femininas com tecido de chita florido e as masculinas com tecidos listrados e escuros.

Fica claro, então, que as roupas usadas para dançar a quadrilha variam conforme as características culturais de cada região do país; sendo mais comum a utilização de: para os cavalheiros, camisa de estampa xadrez, com imitação de remendos na calça e na camisa,

chapéu de palha, talvez um lenço no pescoço e botas de cano; as damas geralmente usam vestidos com estampas florais, de cores fortes, com babados e rendas, mangas e laços no cabelo ou chapéu de palha com tranças.

3.3.2 A culinária típica de São João

Alimentos como: o milho, o amendoim, a batata-doce e a mandioca, que eram cultivados pela população indígena, tornaram-se a base da alimentação dos brasileiros. Os portugueses, ao trazerem a tecnologia do forno de fazer farinha, além dos seus modos de preparo dos pratos com temperos variados, contribuíram para a mudança no processamento desses alimentos que, anteriormente, eram consumidos de forma “in natura” e constituíram o cardápio básico das festas juninas, diferindo de região para região com o acréscimo de produtos regionais (RANGEL, 2008).

A região nordeste do Brasil é a mais afetada pelas secas que assolam o país fazendo com que a população fique sujeita e vulnerável ao ciclo de chuvas que ocorre em determinadas épocas do ano. Por isso, de acordo com Oliveira (2005), o plantio do milho é feito após a chegada das chuvas do mês de março (por volta do dia 19) do mesmo modo que os portugueses plantavam nas terras do norte de Portugal. Porém, ao contrário do que acontece na Europa, aqui no Brasil o milho tende a ser colhido apenas no mês de junho – mês do São João. O autor ainda considera que, por ser ingrediente básico da culinária junina baiana, o milho é apreciado tanto em sua forma natural (cozido ou assado), quanto em pratos mais elaborados como: broas, bolos, cuscuz, pipocas, canjicas (um dos mais famosos pratos típicos juninos), lelê, pamonha⁴ e mungunzá – feito de milho branco (OLIVEIRA, 2005). Há, ainda, o carimã – produzido da mandioca – que, assim como o milho verde, também representa outro ingrediente básico da culinária junina, e pode ser transformado em pamonha, além de outras variedades de doces e guloseimas como bolos.

No que se refere a bebidas típicas, além do quentão – produzido a partir do gengibre adicionado à aguardente de cana e outros ingredientes, e apreciado principalmente nas noites de muito frio –, o licor é a bebida mais consumida pelos baianos. Existem variados tipos de licores na região nordestina: os cremosos (chocolate, café, amendoim, tapioca), os de frutas (a exemplo, cajá, maracujá, morango, jabuticaba, umbu, banana, milho), os de

⁴ Espécie de bolo que é envolvida em folha de bananeira e cozido em forno de barro.

especiarias (cravo e canela) e os exóticos (rosas, gerânio); sendo que o mais famoso é o licor de jenipapo, presente em praticamente todas as casas em que se é comemorado o São João.

3.3.3 As brincadeiras juninas

Outra atração tradicional nas festas juninas, os jogos que valem prendas (presentes dados aos vencedores) dividem-se em jogos de terreiro e jogos de barracas. Segundo Rangel (2008), entre os jogos de terreiro se pode citar: o pau-de-sebo mastro de madeira envernizada, lixada e coberta com sebo de boi ou cera, cujo objetivo é ser escalado para alcançar o prêmio que fica no topo; a corrida de saci – que consiste em desenhar duas linhas paralelas no chão, uma de chegada e outra de partida, e quando o sinal combinado for dado, as crianças devem sair pulando num pé só em direção a linha de chegada; e, semelhante à corrida do saci, tem-se a corrida de sacos – onde cada jogador faz o percurso com o corpo enfiado num saco bem preso à cintura.

Já nos jogos de barracas, ainda de acordo com Rangel (2008), destacam-se: o jogo de argolas – várias garrafas dispostas de maneira estratégica no centro de uma barraca onde cada jogador recebe certo número de argolas para tentar encaixá-las nessas garrafas; e a pescaria – consistente em um tanque de areia são colocados peixes feitos de lata ou papelão e cada um tem na boca uma argolinha que deverá ser enganchada pelo anzol do jogador, sendo que cada peixinho corresponde a uma prenda.

3.3.4 As músicas juninas

A maioria das músicas típicas das festas juninas é composta, especialmente, por nordestinos. Ritmo característico da época junina, o forró é uma mistura de influências africanas, européias e indígenas que vem conquistando adeptos, entre jovens e adolescentes, de todo Brasil. A origem da palavra forró é analisada por duas versões, uma mais popular e a outra dada por historiadores e pesquisadores da cultura popular brasileira.

A versão mais popular atribui a origem do termo forró a uma deturpação da pronúncia da expressão *for all* (para todos) que era escrita nas portas dos bailes promovidos, no começo do século, pelos engenheiros ingleses da estrada de ferro Great Western, que servia aos operários de Pernambuco, Paraíba e Alagoas nos fins de semana. O historiador

Câmara Cascudo (1988) discorda desta versão popular e atribui a origem da palavra forró ao termo *forrobodó*, que significa “baile ordinário, sem etiqueta”. O forró, também conhecido por arrasta-pé, bate-chinela ou *fobó*, é movido por diversos tipos de música nordestina (baião, coco, rojão, quadrilha, xaxado, xote) e animado pela popular sanfona de oito baixos.

Entre os compositores e cantores mais famosos, destaca-se o pernambucano Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989) que começou a tocar sanfona em São Paulo no ano de 1940, onde criou sua primeira música de forró sob o título “baião”, dando-lhe a alcunha de “Rei do Baião” – um estilo novo, dançado a dois, e tocado com uma sanfona, um zabumba e um triângulo. No ano seguinte, começou a tocar em bailes, bares e festas, lugar em que o estilo do forró foi apelidado de xote, por causa dos pés dos dançarinos, que devido ao tipo de calçado, ao dançar de produziam um som singular (VELOSO, 2006).

Pioneiro na propagação da música de sua região no eixo Rio-São Paulo, o sanfoneiro pode ter sido o primeiro a registrar o termo forró em disco quando, em 1949, em parceria com Zé Dantas, lançou *Forró de Mané Vito*. Além dessa, houve outras parcerias em: *Forró no Escuro* (1958) e *Numa Sala de Reboco* (1964), com José Marcolino; além de *Retrato de um Forró* (com Luis Ramalho, em 1973); *Forró de Ouricuri* (1983), *Danado de Bom* (1984), *Forró do Bom* (1985), *Forró de Cabo a Rabo* (1986), *Forró Gostoso* (1988), todos em parceria com João Silva (SOUZA, VELOSO, 2006).

Souza e Veloso (2006) dão, ainda, uma atenção especial ao paraibano José Gomes Filho (1919-1982), conhecido como Jackson do Pandeiro, que difundiu o forró no mercado sulista a partir do estouro de sua gravação de *Forró em Limoeiro* (Edgar Ferreira), em 1953. Clássicos criados por ele como *Sebastiana* (Rosil Cavalcanti), *A Mulher do Aníbal* (Genival Macedo/ Nestor de Paula) e *Um a Um* (Edgar Ferreira), que foram regravados por outros grandes nomes da música brasileira como Gal Costa e Paralamas do Sucesso, bem como *Forró em Casa Amarela*, *Na Base da Chinela*, *Forró em Caruaru*, *Forró de Surubin*, *Forró na Gafeira*, sucessos que contribuíram para fixá-lo como rei do ritmo. Não se pode esquecer o pernambucano José Domingos de Moraes, o Dominginhos, que também contribuiu para estabelecer o primado semântico do forró. Apadrinhado por Luiz Gonzaga e incentivado pelos cantores do movimento tropicalista, o sanfoneiro de Garanhuns sempre reservava em seus shows uma parte para improviso instrumental de sanfona.

Na década de 90, com a inserção de novos instrumentos (guitarra, baixo e teclado) surge um novo estilo: o forró eletrônico. Estilo que, para alguns forrozeiros como Zelito Miranda, representa “uma reciclagem da tradição do São João para evitar o seu desaparecimento”. No entanto, para alguns forrozeiros tradicionais, a maneira como o forró

está sendo vendido é uma falta de respeito e uma descaracterização da festa junina. Dominginhos, em entrevista cedida ao jornal A Tarde, em junho de 2008, afirmou que “tá faltando um pouco mais de respeito para a música regional de um modo geral, que seja uma música feita por um pessoal que se importe com a qualidade” (A TARDE, 2008).

A nova concepção da festa de São João, mais especificamente no estado da Bahia será abordada no próximo capítulo.

4 TURISMO E CULTURA EM SALVADOR: UMA RELAÇÃO DE INTERDEPENDÊNCIA

Como já foi dito anteriormente, a relação da cultura com o turismo se estabelece, na Bahia, através de uma interdependência onde um funciona como propagador do outro, e se vale da renda que é gerada durante o processo. Assim, cabe a este estudo a abordagem de como o turismo do estado foi se desenvolvendo.

4.1 EVOLUÇÃO DO TURISMO EM SALVADOR

No que tange ao âmbito governamental, a atividade turística na capital do Estado teve início no ano de 1930, com a criação da Secção de Turismo no Arquivo Público de Salvador pela Prefeitura Municipal. Todavia, até os anos 1950 ainda não se havia uma preocupação com a construção de uma imagem turística da cidade, que contava apenas com uma presença esporádica de fluxos nacionais e estrangeiros (GUERREIRO, 2005).

O turismo começa a dinamizar-se na cidade a partir de meados da década de cinquenta, quando é veiculado o primeiro material institucional produzido para a atividade, o Roteiro Turístico da Cidade do Salvador. Sendo que, em 1955, Salvador foi escolhido pra ser a sede do III Congresso Nacional de Turismo, e a Diretoria Municipal do Turismo (DMT) lança o primeiro Plano Diretor de Turismo do país (GUERREIRO, 2005).

Algumas das estratégias desse Plano já indicavam a intenção de se construir uma imagem turística para a cidade. Além da ênfase dada à qualificação do receptivo, treinando inclusive, motoristas de táxi, e a guarda municipal – visando um bom tratamento dispensado ao turista. Contudo, segundo Queiroz (2002), a escassez dos recursos e a pouca expressividade do turismo na economia estadual fizeram com que essas estratégias fossem esquecidas.

No ano de 1958 é divulgado um Roteiro Turístico Oficial da cidade que continha as imagens criadas por compositores famosos para descrever locais como a praia de Itapuã e a Lagoa do Abaeté. No ano seguinte é extinta a DMT, que foi substituída pelo Departamento de Turismo e Diversões Públicas (DTDP), órgão vinculado a Secretaria Municipal da Educação e Cultura, e o escritor e jornalista Vasconcelos Maia assume sua direção (SÁ, 2007).

Ao assumir a direção do DTDP, Maia manteve as estratégias da gestão anterior,

investiu em infra-estrutura e apostou nas características culturais de Salvador, utilizando-as para a elaboração de um marketing turístico. O jornalista acreditava na importância da história e da cultura, considerando-as como elementos essenciais para o desenvolvimento da atividade turística. Participou também, de forma direta, nas práticas de promoção para a qualificação das senhoras da elite baiana (primeiras guias de turismo em Salvador), estimulando o conhecimento de atrativos, monumentos e cultura afro-baiana, fazendo com que a cultura passe a ser o foco da temática turística da capital (QUEIROZ, 2002).

Consciente do poder dos meios de comunicação e buscando a elevação das expressões culturais à posição de produto turístico, a então direção do DTDP – visando colocar Salvador no mercado nacional de cidades – realizou diversas ações com a finalidade de chamar atenção das mídias, tais como: apoio a realização de concursos carnavalescos; publicação de um Guia Turístico, anexado à lista telefônica de Salvador, que enfatizava os aspectos históricos e socioculturais da cidade; cadastro das baianas de acarajé estabelecendo pontos de venda; fundação do serviço de atendimento ao turista; restauração de patrimônios histórico-arquitetônicos, dentre outras (GUERREIRO, 2005). Assim, apesar das dificuldades econômicas enfrentadas pelo setor de turismo do Estado – orçamento e quadro de funcionários reduzidos – o trabalho de Vasconcelos Maia alcançou seu objetivo e Salvador foi inserida no mercado nacional de cidades, com o diferencial de eleger a cultura local como atrativo turístico.

Porém, com o golpe militar, em 1964, os governos locais foram depostos e a organização política que sustentava a atividade turística desestruturada. Em Salvador, o DTDP foi transformado no Departamento Municipal de Certames e Turismo, e, em seguida, foi criada a Superintendência de Turismo da Cidade do Salvador (SUTURSA) interrompendo o processo que vinha sendo realizado (GUERREIRO, 2005).

A partir da década de 90, o processo anteriormente iniciado, foi retomado e o governo da Bahia dedicou-se a transformar o estado em um dos principais destinos turísticos do Brasil. Para os gestores do setor, o turismo proporciona a difusão das manifestações culturais do Estado, enquanto a cultura funciona como um diferencial para a economia regional. E em 1995, é criada a Secretaria de Cultura e Turismo (SCT) objetivando integrar em uma só estrutura institucional os dois segmentos (SÁ, 2007).

Na mais recente publicação da SCT, referente a estratégias e políticas públicas turísticas, a relação estabelecida entre cultura e turismo na Bahia é bastante focada, cujo discurso elucida que a cultura fornece conteúdo à atividade turística, e esta se utiliza da singularidade e riqueza cultural baiana para criar um diferencial para o seu marketing. E para

que este vínculo se torne mais sólido são buscadas parcerias entre os órgãos oficiais de Estado e universidades, órgãos da sociedade civil, empresas, produtores culturais e entidades do terceiro visando o desenvolvimento socioeconômico do Estado (BAHIA, 2005). Essa característica adotada pode ser observada no seguinte trecho, onde é dito que a política cultural estadual adota:

Estratégias e ações que contribuam para ampliar o lastro de possibilidades e de oportunidades de criação, produção e difusão cultural, assegurando o acesso e a participação de amplas camadas da população nos processos de ativação da cultura, da preservação e conservação do acervo patrimonial, histórico e cultural, tangível e intangível (BAHIA, 2005, p.2).

Todavia, ao determinar tais mecanismos para a cultura, o governo do Estado repete um discurso comum às políticas culturais do Brasil, a congregação de conceitos acerca de democracia, identidade e diversidade locais, aliados a ações de financiamento da produção a partir de leis de incentivo e intervenções governamentais na preservação dos patrimônios imaterial e material (KAUARK, [entre 2006 e 2009]).

Segundo Kauark ([entre 2006 e 2009]) “uma característica forte dessa política da identidade é ter como meta atingir o público externo, os turistas, e a partir dessa promoção da identidade um movimento de valorização cultural local”. Fator que pode levar a população a reagir de modos diferentes: valorizando sua cultura, e transmitindo seus conhecimentos para os mais jovens e para os visitantes; ou criando um exagerado artificialismo dos produtos culturais, transformando-os em produtos turísticos, já que assumem o objetivo de serem vendidos, mas que pouco interagem com a vida daquela comunidade.

Analisando o processo histórico da indústria cultural como uma inserção do capital financeiro na perspectiva da economia da cultura, da comunicação e do entretenimento, Kauark ([entre 2006 e 2009]) afirma que “na Bahia, a principal maneira de movimentar economicamente o campo cultural é através do turismo”. No entanto, este pensamento governamental gera uma política repartida entre cultura e turismo, que, ao eleger como prioridade a atividade turística com a intenção de fomentar a economia deste setor, submete a Cultura ao Turismo.

É importante salientar que o turismo, ao instalar-se como eixo articulador dessa relação com a cultura, configura-se cada vez mais como uma atividade que, por um lado, oferece oportunidades de empregos ao ser comercializada como mercadoria, por outro, suscita as diferenças culturais, acarretando em uma pseudoidentidade criada a partir do pensamento capitalista. Contudo, pode-se dizer que o turismo e a cultura estão interligados: sendo a

cultura um fator de diferenciação da oferta turística; e o turismo, o elemento facilitador da implantação da indústria cultural (SIMÕES, 2002). Nesse contexto, a convergência existente entre consumo cultural e consumo turístico não é mera coincidência e, por essa razão, o turismo baseado na cultura não pode ser entendido como uma 'nova' tendência mercadológica, mas como consequência de amplas tendências sociais e econômicas do momento chamado pós-modernidade.

O fenômeno turístico tem transformado a experiência urbana numa rede de possibilidades de interação entre visitantes e cidadãos locais. É cada vez maior o número de cidades que apostam na importância das particularidades culturais para promover seus produtos no mercado do turismo, através da construção de uma imagem baseada na herança cultural. Entende-se que neste tipo de turismo, o que vigora é a possibilidade de um contato direto do visitante com a vida cotidiana das comunidades do núcleo receptor e o diferencial cultural que elas manifestam (GASTAL, 2001 apud GUERREIRO, 2005).

Para maiores esclarecimentos, cabe o entendimento acerca da criação da imagem de um local e sua conotação turística. Assim, a imagem de um local - seja ele um país, Estado ou cidade - é formada pela percepção que os habitantes e visitantes constroem mentalmente e que é suscetível às experiências individuais. Portanto, a imagem turística é uma das formas de construir, representar e tornar visível a cidade que, no contexto da cultura de consumo, torna-se mercadoria/produto no vasto e competitivo mercado global (GUERREIRO, 2005; SÁ, 2007).

Para a criação de um produto, é fundamental a construção de uma imagem, uma vez que não existe produto sem algo que o torne conhecido, que chame a atenção dos futuros consumidores, e que permita a sua difusão facilitando sua venda. O mesmo acontece com as cidades, regiões ou países que, neste contexto, passam a contar com políticas públicas na área do turismo e da cultura, cada vez mais voltadas para o potencial da construção de imagens diferenciadas, que façam com que as localidades se tornem um produto singular aos olhos do visitante potencial (MAFFESOLI, 1995 apud SÁ, 2007).

Tomando por base esta definição de imagem turística, o que pode ser percebido é que, cada vez mais, os planejadores oficiais de turismo utilizam a propaganda institucional para criar e/ou fortalecer a imagem turística das localidades e regiões, utilizando-se do apoio dos meios de comunicação (televisão, revistas, jornais, internet, entre outros) para a difusão em escala planetária dessas imagens. Contudo, o marketing e deslumbramento exacerbado das cidades são geralmente criticados como políticas que mascaram a realidade, pois concentram o foco de interesse no aspecto econômico visando apenas a obtenção de resultados em curto

prazo. Conseqüentemente, isto tende a fazer com que a atenção das pessoas seja desviada apenas para os aspectos geradores de lucro, camuflando/mascarando a real situação dos problemas relacionados ao desenvolvimento urbano e social das cidades (SÁ, 2007).

4.2 A FESTA DE SÃO JOÃO EM SALVADOR

A festa de São João da Bahia sempre foi considerada uma festa tipicamente de cidade de interior. Contudo, as pessoas residentes na capital e que por algum motivo não puderam viajar, sempre celebraram através de pequenas festas realizadas em alguns bairros da capital, buscando um São João mais tradicional.

No início da década de 1980, os bairros mais populares e distantes do centro (Liberdade, Jardim Cruzeiro, Cajazeira, Pernambués, Mussurunga, entre outros), por iniciativa dos próprios moradores, possuíam uma programação semelhante a das festas do interior, e o São João, mesmo na capital, era comemorado com muita festa. Esses locais eram enfeitados com bandeirolas, barracas montadas para venda de bebidas e comidas típicas, realização de brincadeiras tradicionais como quebra-pote, pau-de-sebo, além de um forró animado por conjuntos formados por pessoas do próprio bairro; e, em alguns bairros eram realizados, também, desfiles de quadrilhas (A TARDE, 1984).

Além das festas dos bairros, existiam ainda outras festas voltadas para toda a população de Salvador, como o Arraial do Xodó, promovido pela Prefeitura de Salvador em parceria com a Bahiatursa; e a Feira de São João no Parque da Cidade, que em 1981 fora promovida pela Prefeitura e Rede Bandeirantes de Televisão, e no ano seguinte pela Liga de Assistência e Recuperação – LAR, que no mesmo ano, contou com a participação de cerca de 30 mil pessoas, com extensa programação para crianças, e participação de quadrilhas organizadas pelo Serviço Social do Comércio - SESC.

Paralelo a isso, durante esse período no Centro Histórico, mais especificamente na região do Maciel, a festa revestia-se em uma autêntica festa caipira, com direito a bandeirolas coloridas, casamento caipira, apresentação de quadrilhas, músicas juninas e comidas típicas. Toda a festa era assistida não somente pelos membros da comunidade, mas também com a presença dos turistas, movidos pelo exótico, pelas diversas formas de representação das manifestações culturais.

Contudo, na década de 90 as políticas públicas passam a ser voltadas para o crescimento do turismo na capital, e o governo da Bahia dedicou-se a transformar o estado em

um dos principais destinos turísticos do Brasil, implantando, para isso, modificações nas tradicionais comemorações juninas, de maneira a adequar-se a essa nova proposta do governo do Estado. Assim, no início da década de 90 surgiram: o *Arraial do Galinho*, promovido desde 1989 pela TV Aratu – que surgiu a partir de um concurso de quadrilha e ao longo dos anos incorporou entre suas atrações shows de forró; e o *Arraiá da Capitá*, criado em 1994 promovido pelo Grupo A Tarde – criado, segundo o grupo, com o objetivo de trazer a cultura do interior para a capital, com suas tradições, costumes e comidas típicas.

Semelhante a festa de Campina Grande, já exemplificada em capítulos anteriores, o *Arraiá da Capitá* ocupa o Parque de Exposições Agropecuárias de Salvador, transformando-o em um verdadeiro arraial, com apresentações de quadrilhas juninas, shows com grandes bandas de forró, além de um espaço denominado Vila dos Municípios onde cada cidade participante do evento apresenta suas comidas e bebidas típicas, além das manifestações culturais de sua região. Ao mesmo tempo em que o *Arraiá da Capitá* assumia o papel de trazer o São João do interior para a capital, passou a funcionar, também, como um meio das cidades do interior do Estado divulgarem suas festas, na tentativa de atrair um número cada vez maior de visitantes nesta época do ano.

Entretanto, esses são eventos pagos que, por isso, limitam a participação da população, pois nem todos podem arcar financeiramente. Assim, a partir do ano de 2000, a TV Bahia, em parceria com o governo, realizou o projeto São João é no Pelô, que tinha o objetivo de transformar o Centro Histórico em uma cidade típica do interior baiano, ofertando uma festa gratuita àqueles que não viajaram.

Em 2008, com a nova conjuntura política, a festa de São João passou por modificações e foi criada a campanha São João da Bahia, promovida pelo Governo do Estado, através da Bahiatursa e Prefeitura de Salvador, visando promover a Bahia como destino turístico nessa época do ano, uma vez que o mês de junho [no Estado] faz parte da baixa estação. A expectativa do governo era de atrair cerca de 40 mil turistas do Brasil e do exterior às cidades, para isso, no ano de lançamento da campanha, foram investidos pelo governo estadual, algo em torno de R\$ 10 milhões nas festas juninas da Bahia, além de parcerias realizadas com operadoras e agências de viagem (SANTOS, [2009?])

Neste mesmo ano, Salvador contou pela primeira vez com 30 dias de festa junina. A partir do dia 1º de junho foram iniciados os festejos em homenagem a Santo Antônio na Praça da Sé, e no dia 13, promovido pelo Governo do Estado, foi aberto o “Arraiá de Todos Nós”, com um grande show reunindo grandes nomes do forró baiano. Contava com atrações todos os dias no Palco Principal da Praça Castro Alves, e em palcos menores espalhados nos

largos e praças do Pelourinho, sendo que na Praça Municipal foi construída uma arena onde se apresentaram quadrilhas que participavam de um concurso estadual. No largo do Cruzeiro de São Francisco, foi idealizado um espaço para crianças, com várias brincadeiras típicas. Em relação à decoração, por todo Centro Histórico foram instaladas barraquinhas decoradas que vendiam comidas e bebidas típicas, muitos balões, bandeirolas, representações de fogueiras feitas com papel, além dos coretos com trios de forró da capital e do interior (VIVER BAHIA, 2008).

No ano de 2009, repetiu-se a configuração do ano anterior com algumas modificações, por exemplo, a programação para as crianças limitou-se ao período da tarde, onde alguns trios de forró tocavam. As quadrilhas apresentaram-se em um palco armado no largo do Pelourinho, e o palco principal agora ficava instalado no largo do Terreiro de Jesus e contava com grandes espetáculos de bandas de forró.

No que se refere aos aspectos favoráveis da festa de São João do Centro Histórico, cabe considerar as afirmações do representante da Associação de Comerciantes do Pelourinho (ACOPELÔ), Lenner Cunha, acerca dos benefícios proporcionados aos comerciantes locais, em alguns trechos da entrevista concedida à autora no ano de 2009: “Quando nós convidamos inúmeros comerciantes para participar das reuniões com a organização da festa, foi para explicar pra eles que nós tiraríamos alguma vantagem desta festa”; “a festa, em termos de público, ela foi um sucesso absoluto, tanto que todos os estacionamentos do pelourinho estavam lotados, nós tínhamos filas de carros que vinham das sete portas até aqui”; “Esse é o trabalho da ACOPELÔ, movimentar o centro histórico de alguma forma”; “Trouxe muitos benefícios para alguns comerciantes que estavam praticamente quebrados”; “a festa de São João representa um retorno positivo para os donos de restaurantes e bares do Pelourinho”; e finaliza afirmando que “A ACOPELÔ apóia qualquer tipo de manifestação cultural. Nós estamos envolvidos em todas as festas religiosas do Pelourinho, independente de nossas convicções religiosas”.

Com as afirmações do representante da ACOPELÔ, e com os estudos realizados no local, foi possível perceber que a festa de São João do Centro Histórico mostra-se de extrema importância para àqueles moradores e comerciantes que dependem da atividade turística na região, pois traz grande retorno financeiro para esta população, possibilitando uma melhoria nas condições de vida destas pessoas. Cabe salientar ainda que os promotores das festividades juninas tentam conciliar o aspecto cultural do São João à competitividade existente entre cidades que, apoiadas no que se convencionou chamar de turistificação de

eventos⁵, é sustentada por grandes atrações de forró, especialmente bandas de forró eletrônico.

A utilização de eventos culturais pelo turismo pode originar perigos à preservação da cultura popular, pois muitas manifestações culturais da atualidade se transformaram em espetáculos para atrair a atenção dos visitantes. Conseqüência disto é a ocultação e/ou esquecimento dos elementos constituintes da festa de São João da cultura nordestina: os símbolos vão sendo esquecidos; a celebração em família vai sendo deixada de lado; as quadrilhas agora são realizadas para competições e não mais para diversão; as brincadeiras típicas da época, na capital não são realizadas; caracterizando, assim, um dos aspectos desfavoráveis da nova concepção da festa de São João do Centro Histórico de Salvador.

Outro aspecto negativo da festa massificada, é que o Terreiro de Jesus acabou não comportando a quantidade de visitantes, não havendo espaço para o público dançar e curtir a festa. A configuração da festa do Centro Histórico do ano de 2009 prejudicava, também, a contemplação das riquezas arquitetônicas do Centro Histórico, uma vez que eram grandes estruturas de palcos que encobriam o patrimônio histórico da cidade. Devido a isso no ano de 2010, motivada pela determinação da Nota Técnica nº 02⁶ do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o São João do Pelô foi novamente modificado com o objetivo de evitar que decorações atrapalhem a visão de prédios antigos tombados pelo órgão.

O primeiro grande evento realizado após a publicação da Norma contou com diversos espaços dedicados aos mais variados estilos de músicas. A festa ocorreu durante os dias 11 e 12; 18 e 19; e 23, 24, 25 e 26 de junho e contou com três circuitos: São João da Bahia, na Praça Castro Alves; Circuito Anarriê, na Praça Municipal; e Circuito do Pelô, nas ruas e praças do Pelourinho (A TARDE, 2010). Na Praça Castro Alves, uma grande estrutura

⁵ A turistificação de um local pode ser entendida como o processo pelo qual uma cidade passa para se tornar turística; caracteriza-se pela construção de equipamentos que tornem a localidade apta a receber turistas e visitantes, como a criação de estradas, hotéis, atividades de lazer, restaurantes, entre outros. A turistificação de eventos acontece quando um evento cultural característico de determinada região é preparado para atrair turistas, normalmente nestes casos há a inserção de grandes espetáculos. Disponível em: < <http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/ecoturismo-brasil-588336.shtml>>. Acesso em: 10 de julho de 2010.

⁶ Datada de 16 de março de 2010, entre outras providências, a Nota determina que as intervenções não devem prejudicar a visibilidade do bem tombado; o período de permanência de equipamentos e instalações provisórias, anúncios e cartazes, palcos, dentre outros, não deve ser tal que traga prejuízo à apropriação da paisagem local pela comunidade e seus visitantes; não serão permitidas intervenções que proponham a utilização do monumento como pano de fundo; além da proibição da montagem de palco de grande porte para a realização de eventos nas áreas protegidas federalmente. Disponível em: < <http://www.jusbrasil.com.br/politica/4748235/iphan-orienta-pms-sobre-intervencoes-no-centro-historico>>. Acesso em: 20 de junho, 2010.

de palco foi montada para receber as grandes atrações da festa e na Praça Municipal foi montada uma arena, com arquibancadas e um palco menor, dedicada ao Concurso Regional de Quadrilhas, onde se apresentaram grupos de quadrilha de todo o Estado. Após as apresentações das quadrilhas o público pode se divertir ainda com a apresentação de bandas regionais.



Foto 01: Quadrilha na Praça Municipal
Fonte: Assis, 2010



Foto 02: Arena do Circuito Anarriê
Fonte: Assis, 2010



Foto 03: Palco Principal na Castro Alves
Fonte: Souza, 2010

Apesar da proibição do IPHAN, um espaço denominado Coreto do Terreiro foi montado e contou com a apresentação de trios de forró pé-de-serra e orquestras. Houve programação, também, nas praças Tereza Batista e Quincas Berro D'Água e no Largo Pedro Arcanjo. Nos dias 23 e 24 foi realizado o Forrozinho do Pelô, programação dedicada às crianças.



Foto 04: Coreto do Terreiro
Fonte: Assis, 2010.

Em outros bairros da cidade como Paripe e Liberdade, também houve festa. Outra opção para curtir o São João em Salvador foi o projeto Trem do Forró, sob o comando do

músico Carlos Pitta, com vagões animados ao som da zabumba, sanfona e triângulo que percorreram o trajeto do bairro da Calçada até Paripe, no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

Com todas essas transformações, é possível perceber que o tradicionalismo da festa de São João, em Salvador, foi quebrado com a inserção de novos elementos que, visam, principalmente, atender aos interesses da chamada elite social do estado, acarretando na descaracterização da festa. Entretanto, a festa do Centro Histórico se for planejada de forma adequada, com uma ação conjunta dos órgãos de turismo e de cultura do Estado, pode trazer muitos benefícios à localidade: de um lado a cultura se mantém viva na memória da população, e de outro o turismo, que sofre os efeitos da sazonalidade do período na capital, pode ter na festa um apoio para a geração de renda e desenvolvimento da atividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda hoje, o preconceito que alguns estudiosos de diversas áreas mantêm sobre o turismo faz com que seus impactos negativos continuem acontecendo. O turismo quando trata as questões culturais como meio para a manutenção da identidade local e das tradições, como representações e hibridismos, por vezes acarreta em uma desvalorização do típico, do folclore criando estereótipos. Com essa perda de autenticidade o turista passaria a encontrar nos destinos visitados apenas espetacularização, uma teatralização.

A falta de união e integralização entre os diversos campos de estudo tende a impedir que haja um planejamento realmente coerente com todos os aspectos fundamentais para o que se propõe a fazer. Com um planejamento adequado, onde os órgãos públicos, as empresas e a comunidade trabalhem juntos, visando à interpretação do patrimônio local, seja ele material ou imaterial, e sua valorização, aquele patrimônio cultural continuará sendo uma curiosidade, algo exótico que chame a atenção de seus visitantes.

Assim a utilização da festa de São João do Centro Histórico pelos órgãos de turismo, se planejada de forma coerente, pode ser uma importante ferramenta para a preservação/conservação deste patrimônio. Deste modo, é possível afirmar que a presença do turismo, hoje, na festa de São João pode ser um elemento também de preservação. Isso porque, apesar dos impactos negativos causados, como a espetacularização da festa, a atividade turística volta-se para a comercialização de uma cultura que existe até os dias atuais ainda com muita força na vida da população.

Estudar a origem e evolução da festa de São João no Brasil foi de fundamental importância para entender a forma como acontece e é gerida a festa na Bahia, e, principalmente, no Centro Histórico de Salvador – importante ponto turístico da cidade e que possui, por si só, grande valor histórico-cultural.

A realização de um estudo teórico acerca de todos os elementos que compõem uma tradicional festa de São João, partindo de suas origens com a conceituação e caracterização de folclore, cultura e cultura popular, possibilitou a ampliação da consciência acerca da preservação de suas características, além de deixar clara a importância de se realizar todo um planejamento detalhado sobre cada elemento essencial para a existência e manutenção da festa com toda sua riqueza histórica, como a escolha do local – considerando sua capacidade de carga, segurança e infra-estrutura básica; a definição dos atrativos (jogos, brincadeiras, barracas de comidas e bebidas típicas) e das atrações (artistas, quadrilhas e outros).

As festas populares da Cidade de Salvador constituem uma atração diferenciada no mercado turístico, por mostrar um grande número de elementos culturais de seu povo. Aspectos como religiosidade, música, dança, culinária, vestuário, e o jeito de ser do baiano, estão presentes nas ruas e praças da cidade caracterizando sua cultura como algo singular e que chama a atenção dos visitantes. Assim as manifestações culturais são de extrema importância para a atividade turística, e se esta for descaracterizada para atender os anseios de uma sociedade voltada unicamente para o consumo, pode perder a identidade própria de um povo.

Fruto da indústria cultural, a festa de São João do Centro Histórico de Salvador, vem tomando cada vez mais um formato de festa espetáculo, pois os organizadores dão mais atenção a algo que vá trazer renda para a economia local em detrimento à preservação da cultura popular, provocando certa descaracterização se comparada à festa tradicional. Ao ser comercializada como produto, a festa do Centro Histórico perde o caráter singular e simbólico da festa de São João, uma vez que trata-se de uma reprodução de algo que não é tradicional em regiões urbanas, uma vez que no Brasil a festa de São João é uma manifestação da cultura popular rural, típica da região do Nordeste do país.

Assim, baseando-se nas questões norteadoras e em observações realizadas no local pesquisado, percebe-se que a festa da capital apesar de ser tratada como uma cultura de massas, ainda preserva alguns dos elementos que a mantém ligada à festa tradicional, como o uso de bandeirolas na decoração, as apresentações das quadrilhas juninas, os trios de forró tocando nos largos, as barraquinhas de comidas e bebidas típicas dos festejos juninos, bem como a distribuição de adereços que lembram os trajes juninos, como o chapéu de palha e os lencinhos de pano. Aspectos estes que remontam as características da festa.

Contudo a festa pode trazer benefícios para a população e para os comerciantes locais. Para alguns, o São João do Centro Histórico pode oferecer ao participante, que por alguma razão não saiu da cidade, uma oportunidade de na capital relembrar e vivenciar um São João tradicional característico do interior ou proporcionar meramente um espetáculo gratuito à população. Para outros, o São João ainda pode significar uma oportunidade de gerar renda, seja através do comércio formal ou informal. Assim, é possível se perceber que a festa no Pelourinho tem sido projetada e pensada para o turista, mas isso não impede que cada participante realize sua própria festa dentro do São João institucionalizado.

Dessa forma, espera-se que este estudo venha a contribuir para a ampliação de informações sobre a festa de São João em Salvador, bem como uma maior conscientização sobre sua importância não apenas no âmbito histórico, mas, especialmente, na questão da

valorização da cultura. Possibilitando, assim, a realização de novos estudos e projetos que fortaleçam a importância da festa no papel social de manter suas características originais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: significado do festejar, no país que não é sério. Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP, 1998. (Tese de Doutorado). Disponível em: <<http://www.uces.br/ucs/tplSemMenus/posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/seminario_4/arquivos_4_seminario/GT04-9.pdf>>. Acesso em 10 de jul de 2010.

ASSIS, Ananaíra Rios. **Quadrilha na Praça Municipal**. 2010. 1 fotografia.

ASSIS, Ananaíra Rios. **Arena do Circuito Anarriê**. 2010. 1 fotografia.

ASSIS, Ananaíra Rios. **Coreto do Terreiro**. 2010. 1 fotografia.

A TARDE, Jornal. **3º Salto do Turismo** – A Tarde Especial. Salvador, 2010.

A TARDE, Jornal. **Baianos têm muitas opções para brincar no São João**. Salvador, 1984.

BAHIA (estado), Secretaria de Cultura e Turismo. **Bahia** – Política Cultural, Salvador, 2005.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leitura de operárias. 10 ed. 6 Série. Coleção Meios de Comunicação Social. Editora Vozes. Petrópolis, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Itatiaia, Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 1985.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6 ed. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1988.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**: pesquisas e notas. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967. 253 p.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. 2 ed., Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

FONSECA, Carolina Ferreira da. **Baianas do Acarajé: patrimônio urbano imaterial?**. Arquivo no formato pdf. 2008. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14456.pdf>>. Acesso em: 17 de junho de 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

GUERREIRO, Goli. A cidade imaginada – Salvador sob o olhar do Turismo. In: **Revista Gestão e Planejamento**. Ano 6. Nº 11. Salvador, 2005.

HORTA, Carlos Felipe de Melo Marques. **O grande livro do folclore**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2004.

KAUARK, Giuliana. **Política cultural no estado da Bahia: Gestões de César Borges (1998-2002) e Paulo Souto (2002-2006)**. Arquivo no formato pdf. [entre 2006 e 2009] Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/arquivos/Políticas_Culturais_da_Bahia_Cesar_Borges_e_Paulo_Souto_Gi%E2%80%A6.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 12 ed., Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro, 1999.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas**. 9 ed. Petrópolis, Vozes, 2002.

MOURA, Antônio de Paiva. Turismo e festas folclóricas no Brasil. In: **Turismo e Patrimônio cultural**. (org) FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Turismo Contexto).

OLIVEIRA, Waldir Freitas. **Santos e festas de santos na Bahia**. - Salvador, Conselho Estadual de Cultura, 2005.

QUEIROZ, Lúcia. **Turismo na Bahia – estratégias para o desenvolvimento**. Salvador, Secretaria de Cultura e Turismo, 2002.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história**. – São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

SÁ, Natália Silva Coimbra de. **Cultura e turismo na contemporaneidade**: as festas populares religiosas baianas – Salvador, 2007. Dissertação (mestrado) – Universidade Salvador – UNIFACS. Mestrado em análise Regional, 2007.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Identidade Cultural e Turismo**: cravo e canela na terra da Gabriela, 2002. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/018/18csimoes.html>>. Acesso em 20 de junho de 2010.

SANTOS, Catarina Cerqueira de Freitas. **São João da Bahia esse ano é no Pelo?**. Arquivo no formato pdf. [2009?]. Acesso em: 01 de julho de 2010.

SOUZA, Marizete Santos de. **Palco Principal na Castro Alves**. 2010. 1 fotografia.

VELOSO, Jalber. **A história do forró** – o ritmo, a dança, a música. 2006. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/internet-and-technologies/378747-história-forró-ritmo-dança-música/>>. Acesso em 15 de julho de 2010.

VIVER BAHIA, Revista de Turismo da Bahia. **O Brasil inteiro vem cair no forró**. 2008, Ano 1, nº 8.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS I TURISMO E HOTELARIA

PESQUISA DE CAMPO

Entrevista a ACOPELÔ

- 1 Qual o objetivo principal da ACOPELÔ?
- 2 Desde que foi criada a associação recebe apoio e/ou incentivos do governo?
- 3 Qual o papel da associação na disseminação e preservação da cultura popular do município? Ela participa da organização e promoção das festas de manifestação cultural no Pelourinho?
- 4 Com o passar dos anos nota-se algumas diferenças na configuração da festa de São João do Pelourinho tem tomado a forma de “espetáculos” – grandes shows com artistas renomados e de reconhecimento nacional. A associação é a favor deste novo conceito de festa? Desta forma as festas trazem maiores benefícios aos associados e à população local?